

Luiza Romão: poesia, memória e ressignificações

Luiza Romão: poetry, memory and resignifications

Thays Keylla de Albuquerque¹

Resumo: Luiza Romão rompe com uma tradição que supervaloriza o pensamento hegemônico e a história oficial em *Sangria* (2017) e em *Também guardamos pedras aqui* (2021). Neste artigo, observamos como sua proposta literária se desenvolve em uma (re)criação de memória, em que a literatura representa novo patamar de entendimento: mudam-se o ângulo e as vozes, constroem-se outras significações sobre o passado em um exercício de decolonialidade. Enfocaremos o segundo poemário, no qual, a partir da *Ilíada*, se imprime novos sentidos a velhos personagens e acontecimentos, relacionando a devastação de Troia à mesma lógica da colonização/ colonialidade que marca a América Latina.

Palavras-chave: Memória e violência. Literatura brasileira contemporânea. Poesia e decolonialidade. Mulher e literatura.

Abstract: Luiza Romão deconstructs a tradition that overvalues hegemonic thought and official history in both *Sangria* (2017) and *Também guardamos pedras aqui* (2021). In this article, we observe how her literary creation develops through a (re)creation of memory, in which literature represents a new level of understanding: angles/voices are changed and new meanings are constructed about the past in an exercise of decoloniality. We will focus on her second book in which, based on the *Iliad*, new meanings are imprinted on old characters/events, linking the devastation of Troy to the same logic of colonization/coloniality that marks Latin America.

Keywords: Memory and violence. Contemporary Brazilian literature. Poetry and decoloniality. Women and literature.

¹ Professora de Literaturas Hispânicas na Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutora em Letras, Teoria da Literatura, pela UFPE (2020). E-mail para contato: thays.albuquerque@servidor.uepb.edu.br. [ORCID](#)



Palavras iniciais: o impacto das primeiras leituras

Conheci Luiza Romão através da sua campanha de financiamento coletivo para o lançamento do livro *Sangria* (2017). Em meu perfil do *facebook*, apareceu um vídeo de uma poeta que apresentava um projeto de contar a história do Brasil a partir de uma ótica feminina e feminista. Imediatamente entrei na plataforma de financiamento coletivo para apoiar o projeto. Meses depois recebi o livro em casa e sua leitura foi um impacto. Como sou apaixonada pelo objeto livro, me encantei pelo projeto gráfico, pela edição bilíngue em português e espanhol, e pelas fotografias que acompanhavam os poemas e construíam sentido dentro desta grande empreitada de apresentar outra história do Brasil, um trabalho de memória bem distante daquela narrativa que permeia os manuais de História e de Literatura da nossa educação básica.

Desde então, tenho tentado acompanhar o trabalho de Luiza Romão e pude ler *Também guardamos pedras aqui* (2021), poemário ganhador do Jabuti 2022 tanto na categoria de poesia como na de livro do ano. A poeta *slammer*, que precisou de financiamento coletivo para *Sangria*, foi legitimada pelo mercado do livro brasileiro e se convertia em uma das poetisas contemporâneas mais influentes, inclusive em uma perspectiva oficial como representante da literatura brasileira, participando de atividades internacionais para apresentar seus poemas em Portugal e na China, por exemplo. Posso dizer que a primeira leitura de *Também guardamos pedras aqui* foi ansiosa, em uma sentada, e feita em duas vozes, comemos os versos meu companheiro e eu, ora abismados ora desconcertados pela proposta da poeta. Resultado, fizemos juntos um artigo intitulado “(De)colonialidade em Troia: uma leitura de Luiza Romão”, publicado pela *Revista Fórum Identidades* em 2023, e seguimos até hoje com as discussões sobre a poeta.

Por isso, neste artigo, decidi por refletir sobre a poesia de Luiza Romão, com foco em *Também guardamos pedras aqui*². Mas, não podia começar sem antes citar *Sangria* e pelo menos uma de suas composições:

DIA 1. NOME COMPLETO

eu queria escrever a palavra br*+^%
a palavra br*+^% queria escrever eu
palavra eu br*+^% escrever queria
BRASIL
eu queria escrever a palavra brasil

² A primeira versão deste texto foi apresentada na mesa sobre “Processos criativos e escrita de mulheres” no XII Seminário Internacional de Literatura e Cultura (SILC) da UFS, entre 04 e 06 de junho de 2025.



aquela em nome da qual
tanto homem se faz bicho
tanto bandido general
aquele em nome de quem
a borracha vira bala
a perversidade qualidade de bem [...]

A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO
matas virgens
virgens mortas
A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO

pedro ejaculando-se
dom precoce
deodoro metendo a espada
entre as pernas
de uma princesa babel
costa e silva gemendo cinco vezes
AI AI AI AI AI
AI-5

getúlio juscélino geisel
collor jânio sarney
a decisão parte da cabeça
do membro ereto
de quem é a favor da redução
mas vê vida num feto
é o pau-brasil
multiplicado trinta e três vezes
e enterrado numa só garota

olho pra caneta e tenho certeza
não escreverei mais o nome desse país
enquanto estupro for prática cotidiana
e o modelo de mulher
a mãe gentil (Romão, 2017, s/n)³

No primeiro poema do livro já podemos observar a proposta de revisar a memória, para a partir dela, seja por meio das personagens amplamente conhecidas e integrantes da história oficial, como os nomes dos ditadores citados, seja através do anonimato da jovem de 16 anos vítima de estupro

³ A performance de Luiza Romão oralizando este poema na íntegra merece ser vista: https://www.youtube.com/watch?v=XP_4_p-pKa8&list=PLfvvcEQTOpqUEdBmWRWdjUKqX78WuFQ5r&index=5. Além disso, o “AI-5” foi acrescentado no final da série de “AI AI AI AI AI” numa versão posterior à primeira edição e pode ser lida on-line na coletânea do Slam Nacional: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2018/10/Slam-web.pdf>.



coletivo em 2016 no Rio de Janeiro, entrelaçar passado-presente-futuro e propor uma outra lógica de apreensão de nossa história. Por outro lado, os recursos escritos (a partir da renúncia das letras na composição de br*+^% por outros caracteres) e orais (o “engasgo” quando o poema é performado) na construção dos primeiros versos do poema já indicam a interdição e uma espécie de impossibilidade de concluir essa tarefa. Dessa forma:

Esse jogo do desejo “de dizer” e “não dizer”, de “querer escrever” (ou “de querer falar”), mas ser interditada, marca o ritmo em torno do qual toda a poema foi construída. A busca da slammer paulista, agora já sabemos, não é somente pela escrita (pelo grito) de um nome completo, mas pela desconstrução/destruição/de(s)colonização (possível?) de uma identidade (coletiva) de país que, a princípio, só estaria completa se, de fato, sua história (e não apenas seu nome) pudesse ser (re)escrita (Neves e Santos, 2023, p. 101).

Essa reflexão presente no artigo de Cynthia Neves e Sóstenes Santos, intitulado “Luiza Romão e “sua poema” de resistência decolonial – Slam das Minas, presente!”, chama atenção para a questão da possibilidade de reescrever a história apesar de toda dificuldade, de repensar o passado, de poder ressignificar os acontecimentos, o que me parece central na proposta literária de Romão.

Nesse sentido, o que realmente se evidencia é uma perspectiva crítica das narrativas hegemônicas em que a reconstrução de uma memória coletiva mais plural salientando as violências e opressões de nossa história se torna clara. Em consonância com Aleida Assmann, no livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011), podemos entender melhor este processo por meio da explicação de que: “Enquanto os processos de recordação ocorrem espontaneamente no indivíduo e seguem regras gerais dos mecanismos psíquicos, no nível coletivo e institucional esses processos são guiados por uma política específica de recordação e esquecimento” (Assmann, 2011, p. 19). Se pensamos nos trabalhos de memória coletiva, a Literatura é fundamental na elaboração das memórias culturais sobre o passado e a proposta poética de Luiza Romão contribui de forma incontestável em termos de desconstrução de uma narrativa conciliatória que alivia os conflitos e violências de nossos processos de colonização que permanecem na lógica da colonialidade até nossos dias.

Refletindo sobre as relações entre memória, história e literatura no contexto brasileiro, Jaime Ginzburg explica no livro *Crítica em tempos de violência* (2012) as características autoritárias na formação do Brasil: “Em um



sentido mais abrangente, nosso passado colonial, escravista, patriarcal, calcado em ações de repressão e violência é o solo sanguinolento em que construímos nossa glória” (Ginzburg, 2012, p. 233). Isso é o resultado da relação intrínseca entre a classe dominante e o Estado em diferentes momentos e esferas: durante o primeiro momento da colonização, através da política exploratória e da dizimação indígena; com os três séculos de escravização, nas torturas e nos diversos maus-tratos como um exercício sistemático de violência cotidiana; e na época republicana, com o Estado Novo e a ditadura cívico-militar de 64, por meio de uma política autoritária de intervenção na vida social que incluía a mesma lógica anterior de controle, perseguição, tortura e morte de determinados corpos/ pessoas (Albuquerque, 2020).

Nesse panorama, quando penso a poesia de Romão, observo a formação de uma narrativa contra-hegemônica que, através da poesia e com diversos artifícios estéticos, propõe novos significados, priorizando óticas e vozes até então marginalizadas, embora nunca esquecidas. Sendo assim, concordo com a ideia de Heloísa Buarque de Hollanda (2017) no prefácio de *Sangria* quando afirma: “*Sangria* não é apenas mais um livro de poemas, *Sangria* é um projeto literário sobre a História do Brasil vista pelas entranhas de uma feminista contemporânea”. E se relacionarmos a perspectiva da História com a de ensino e história da Literatura, as palavras de Ginzburg são mais uma vez efetivas:

Em um país que no século XX passou por duas longas ditaduras e ainda sofre com as heranças da tradição patriarcal e dos regimes autoritários, a aspiração de uma abordagem da literatura voltada à ética e aos direitos humanos depende essencialmente de uma política da memória literária. O que deve ser lembrado, o que deve ser lido? O que tem valor, o que é literariamente importante? (Ginzburg, 2012, p. 220).

Infelizmente, noto que a poesia de Romão, e também o *Slam* de forma geral, ainda não alcançou uma popularização ou legitimação que garanta uma presença mais sólida nos currículos escolares e universitários. Porém, seja em contextos acadêmicos, seja em oficinas literárias, sempre que trabalho com os poemas e as performances de Luiza Romão há uma receptividade e interesse enormes por parte dos/das estudantes e dos/das professores/as. Mantenho, portanto, a esperança de um ensino de literatura e de poesia mais contemporâneo, crítico e comprometido com uma desconstrução do cânone falocêntrico e branco.



O exercício decolonial a partir de *Também guardamos pedras aqui*

Respeito, admiro e divulgo a poesia de Luiza Romão porque percebo a qualidade estética na preocupação com a linguagem e o comprometimento da poeta com uma postura ética e de defesa dos direitos humanos tanto em *Sangria* como em *Também guardamos pedras aqui*. Observo este segundo poemário como uma ampliação da lente, se em *Sangria* o foco foi a história do Brasil, em *Também guardamos pedras aqui* a ênfase está no Ocidente e na própria literatura ocidental, profundamente marcados pela violência. Podemos ver tal constatação a partir do poema que abre o livro:

ifigênia

a literatura ocidental começou com uma guerra
não a neblina das grandes cidades
faz tanto tempo que talvez ouço quase
a literatura ocidental começou com um massacre
isso você respira como quem veleja
o livro permanece aberto vê
é minha vez de contar a história
esse pacto só sobraram pedras
e rios sob o asfalto esse nevoeiro
agora chamam de santuário
o sêmen sobre os lábios seco
antes da primeira letra
antes do primeiro grifo
alguém já implorava misericórdia
estou pronta a canção
também as crianças precisam dormir
(Romão, 2021, p. 7).

Luiza Romão inicia, assim, seu poemário escancarando a guerra, o massacre, o assassinato de uma criança inocente, exigindo sua vez de contar a história com a esperança de que, nessa canção, possa haver algum tipo de reparação que permita o descanso justo daqueles renegados pela tradição em sua benevolência aos assassinos/ estupradores frequentemente denominados de heróis.

Em “ifigênia” a poeta retoma o ciclo troiano, para além da *Ilíada*, de Homero, de personagens e acontecimentos que já foram tratados tantas vezes, em tantas épocas e por tantos escritores. Quando ela pontua “antes da primeira letra/ antes do primeiro grifo/ alguém já implorava misericórdia” está evidenciando a ausência de referência direta a Ifigênia na *Ilíada*, que aborda apenas um recorte – centrado na fúria de Aquiles – de cerca de ses-



senta dias da guerra de Troia, conflito que durou dez anos. A criança Ifigênia, filha de Agamenon, foi imolada para a deusa Ártemis em troca de que o pai e seu exército conseguisse bons ventos para chegar até Ílion/ Troia, na segunda expedição, na segunda tentativa de alcançar as praias troianas. Por isso, o princípio do poema remete ao início da trajetória da guerra em si: “a literatura ocidental começou com uma guerra”, o assassinato de Ifigênia pelo pai permite que os gregos tenham sucesso na navegação. Da mesma forma, os versos que fecham a composição podem referir-se a uma espécie de reparação necessária à memória de Ifigênia: “estou pronta a canção/ também as crianças precisam dormir”.

Fica evidente, desde o primeiro momento, a ênfase nas figuras femininas e nas histórias não contadas, ou pelo menos não salientadas pela tradição. Por isso, a poeta não se restringe à *Ilíada*: “paralelo à narrativa principal, muitas alusões são feitas em referência cruzada ao rico mosaico de episódios que remontam o antes, o durante e o depois da guerra, ou seja, tudo aquilo que é referido como o Ciclo Troiano (West, 2013).” (Pereira e Caldas, 2024, s/n).

Ifigênia é a composição que abre o poemário composto por 29 poemas, todos escritos em letra minúscula, cada um deles apresenta no título o nome próprio de uma personagem masculina ou feminina do ciclo troiano:

A empreitada literária da poeta propõe repensar a tradição da literatura ocidental a partir de um exercício de memória que revisita o cânone ao mesmo tempo que o fratura, que o desconstrói golpeando com as demandas de ontem e de hoje das mulheres, através de uma premissa decolonial como exigência da contemporaneidade (Pereira e Albuquerque, 2023, p. 100).

Nesse ponto, e enfocando as especificidades do processo criativo, gostaria de refletir sobre os motes que em entrevista a poeta destaca como importantes no seu processo de escrita:

O que mais a surpreendeu no poema épico homérico foi como essa história de guerra, que funda a ideia de literatura, é justamente a história da dizimação de um povo. “Eu li a *Ilíada* e pensei: ‘esse é o estudo da virilidade dos corpos masculinos’. E foi logo em seguida que Luiza teve seu primeiro encontro com a literatura de Christa Wolf, que de alguma maneira representa o oposto da obra de Homero: *Cassandra*, afinal, descreve a vida das mulheres que viveram a Guerra de Tróia (Machado e Romão, 2020).

Como podemos ver, a narrativa de Wolf, de 1983, escritora da então Alemanha oriental, pode representar um caminho de desconstrução que Ro-



mão também opta por tomar. Junto a ela poderíamos citar a baiana Miriam Fraga (várias obras como: *O risco na pele*, de 1979; *Os deuses lares*, de 1991; e *Femina*, de 1996) ou a canadense Margaret Atwood (com *A Odisseia de Penélope*, de 2005 - *The Penelopiad*), que também revisitam figuras femininas da antiguidade grega, como Penélope e Ariadne, para repensar a tradição literária contra o projeto de esquecimento das vivências e vozes femininas empreendido pelo patriarcado no decorrer dos séculos.

Nessa vereda, podemos considerar que Romão traça como suporte de leitura e pesquisa de base as obras do ciclo troiano: “a exemplo da tradição homérica (a *Ilíada* e a *Odisseia*), dos tragediógrafos gregos (Eurípides, Sófocles e Ésquilo) e da épica romana (a *Eneida*, de Virgílio, e as *Metamorfoses*, de Ovídio)” (Pereira e Albuquerque, 2023, p. 100). Explico claramente essa questão porque cinco poemas que compõem o livro destacam personagens femininas que não são citadas na *Ilíada* (‘ifigênia’, ‘laodâmia’, ‘pentesileia’, ‘polixena’ e ‘ilíone’), segundo Pereira e Caldas (2024). Dessa forma, torna-se perceptível que a poeta se vale tanto da ampla tradição literária greco-latina quanto do que há de mais contemporâneo na tendência de reescrever o passado a partir da visão das mulheres, em uma proposta de exaltação das vivências femininas, em uma patente ruptura com a tradição. Essa ação está no cerne da crítica feminista como já aponta Joan Scott (1995) em “Gênero: uma categoria de análise histórica”, quando explica que incluir as mulheres na História significa necessariamente escrever outra história.

Importante salientar que não apenas as mulheres são enfocadas em *Também guardamos pedras aqui*, as personagens masculinas juntamente são revistas, agora pela visão das mulheres que rompem com a forma habitual de ver esses homens, tantas vezes reconhecidos como heróis nas características valorizadas pela masculinidade hegemônica. Com Romão, essas personagens ganham mais camadas e complexidades, como podemos ver a partir do famoso Aquiles:

aquiles

eu aceito ouíe eu digo sim
mas antes
me mostre seu calcanhar (Romão, 2021, p. 47).

tétis

eles não são pais ainda que tenham filhos
pois amam ser filhos já diria o cantor
todo homem precisa de uma mãe
uma mãe que lhe acalante o choro e as birras
uma mãe que lhe corte as unhas e es quente a canja



uma mãe que lhe faça boquetes e vá ao altar
uma mãe que lhe dê filhos saudáveis e bem-educados
seu nariz sua boca seu jeitinho de resmungar
filhos exímios e super parecidos com o pai
mas nunca seus (Romão, 2021, p. 49).

Nos dois poemas citados, observamos, por uma parte, a necessidade de reconhecer a fragilidade masculina, suas falhas e suas vulnerabilidades a partir da alusão ao calcanhar de Aquiles. Por outra, entendemos o olhar da mãe de Aquiles sobre a maternidade e sobre o próprio filho, um possível abandono paterno de Peleu (rei dos mimirdões), e a sobrecarga feminina com inúmeras funções ligadas aos cuidados do filho. Esses poemas demonstram não só um sentido micro relacionado às personagens, mas também um sentido macro que aponta para os papéis de gênero construídos em nossa sociedade.

Destaco a presença do choro de Aquiles, que alguns estudos apontam ter chorado quase trinta vezes na *Ilíada*, mas que não é recordado comumente na memória popular, e que cabe a Tétis, em uma dessas ocasiões, consolá-lo e convencê-lo a manter-se forte em sua posição de guerreiro respeitado entre os gregos. Por que não lembramos do choro de Aquiles? Por que não é uma das recordações mais populares sobre o herói? Pereira e Caldas tentam explicar esses questionamentos:

[...] como é possível ler a *Ilíada* mais de uma vez e não perceber este choro constante de Aquiles? Será que isto diz muito de uma percepção moldada na égide de uma educação patriarcal? Em suma, o que fica de concreto depois da leitura de Luiza Romão é uma seta desferida diretamente no coração do patriarcado: meninos e homens choram, até o grande Aquiles chorou! Assim, talvez o modelo de uma educação mais natural e saudável venha de uma voz mais feminina e feminista (Pereira e Caldas, 2024, s/n).

Da mesma forma, na visão da crítica feminista, o poema dedicado a Tétis mostra a infantilização de tantos homens que permanentemente veem na mulher, não apenas na mãe, mas também nas companheiras quando adultos, o papel de protegê-los e cuidá-los como se fossem bebezinhos indefesos.

Nessa senda, ora dedicando-se a personagens de amplo conhecimento popular, ora a figuras mais restritas e pouco conhecidas, Luiza Romão vai tecendo seu poemário que conta outra história sobre Troia e sobre a atualidade nas mais diferentes partes do mundo. No campo de personagens não tão populares, Romão explica que teve a possibilidade de visitar a Grécia durante o processo de pesquisa e isso foi fundamental para ver, entender, sen-



tir o que era representado na lógica da antiguidade. Por exemplo, ao ver os desenhos das amazonas como monstros, pôde compreender que isso está relacionado à ausência, na *Ilíada*, de figuras como Pentesileia, a amazona que luta heroicamente contra Aquiles e é assassinada por ele. Em entrevista Romão explica: “Elas [as amazonas] não performavam feminilidade de forma alguma e foram retratadas como monstros na Acrópole, assim como foram excluídas da *Ilíada*” (Machado e Romão, 2020).

Essa associação das amazonas a monstros me fez lembrar do artigo amplamente conhecido de Rita Therezinha Schmidt – “O fim da inocência: das medusas de ontem e de hoje” (2006) – que enfoca na figura de medusa para entender a dialética do patriarcado em contraposição às lutas feministas contemporâneas:

Medusa, assim como algumas das figuras-monstros do mundo antigo (a Esfinge e o Minotauro) sobreviveu até nossos dias em narrativas de heróis, na história de um outro, não em sua própria história, e sua imagem constitui uma metáfora raiz da representação do feminino em nossa cultura, pois figura a mulher que deve pagar com a vida pelo fato de ser auto-suficiente e poderosa, portanto monstruosa (sinônimo de feia), muito distante do feminino belo e submisso e, portanto, desejável pelos homens e pelos deuses tal como uma Penélope ou uma Perséfone (Schmidt, 2006, p. 99).

O caso de Medusa pode ser associado ao de Pentesileia e à rejeição social até os nossos dias de mulheres que se negam a seguir os modelos de comportamento empreendidos pelo patriarcado e desafiam o padrão imposto pela masculinidade normativa em outras existências dissidentes. Como bem canta Karina Buhr em seu terceiro disco, de 2015: “Hoje eu não quero falar de beleza/ Ouvir você me chamar de princesa/ Eu sou um monstro”⁴. E na atualidade, seguimos recusando estereótipos limitadores e reivindicando a construção de nossas narrativas a partir de nossa própria história, subjetividade e autoria.

Retomando os possíveis dispositivos de inspiração e sustentação do processo poético de Luiza Romão, destaca-se muita leitura, iniciada no final de 2016 para 2017 com a *Ilíada*, quando escreve um poema dedicado a Homero, “os gregos foram capazes de g g g g g g g g [...] milhares de troianos” (Romão, 2021, p. 10). Em 2018, retoma o projeto a partir das oficinas poéticas de Marcelino Freire, momento no qual organiza a estrutura do livro com um poema para cada personagem, além da viagem à Grécia e de novas

⁴ O título do disco e da canção é “Eu sou um monstro”, para escutar: <https://www.youtube.com/watch?v=bkZTsLj4TOA>



leituras, escritas e reescritas. Para refletir a política de morte, que marca a violência da *Ilíada*, mas também a realidade brasileira, Romão destaca a leitura de *Necropolítica*, de Achille Mbembe⁵. E tudo isso aliado a uma preocupação por poemas performativos que unem voz, corpo e palavra em uma visão decolonial.

Vejam, agora, o poema que fecha o livro, dedicado a uma das figuras que Romão conta em diversas entrevistas ter sido uma personagem feminina central no seu processo de escrita, porque já na *Ilíada* apresenta uma postura ativa e coerente, que tenta renegar a submissão ao esposo ou às premissas patriarcais de forma geral:

andrômaca

não conheci troia / ruínas a mais ruínas a menos / também guardamos pedras aqui / do outro lado do oceano / tudo o que aprendi foi nesse alfabeto moderno/ eis o momento apoteótico minha obsessão / nossos despojos é troia / minhas amigas encurraladas / na mesa do chefe é troia / a jovem saco preto no rosto é troia / as baratas roendo o cu da guerrilheira comunista é troia / é troia meu companheiro baleado no rosto / é troia os corpos desovados no mangue / as lideranças perseguidas é troia / as vítimas de feminicídio é troia / os milicos os fascistas os tiranos / disparam todos contra troia / a filosofia o direito o ocidente / nascem da devastação de troia / agora você entende por que voltei?/ não conheci troia mas a entrevejo esplêndida/ nas carícias clandestina durante os bombardeios/ e gás de pimenta nas barricadas/ nas clínicas de aborto nos abrigos/ inusitados na desobediência/ no canto sim no canto/ eu não vou me entregar/ você grita eu repito/ através dos séculos/ minha irmã/ não há poemas para ti/ nenhuma linha sobre cibeles/ onde perdemos o tino quando virou espetáculo/ maldita literatura e seu panteão de vitórias/ me abraça forte a explosão está próxima/ ela há de vir (Romão, 2021, p. 62).

Como podemos ver no poema, Romão faz uma ligação entre Troia e as mais diversas violências que decorrem desse ato fundador: invadir, matar, escravizar, dizimar, queimar, submeter algumas comunidades e existências àqueles que ocupam a posição de poder. Isso se dá através de uma voz feminista contemporânea que dialoga com Andrômaca (minha irmã/ não há poemas para ti) e que representa o que foi e continua sendo jugulado, ou seja:

⁵ Para ver detalhadamente a entrevista ““Não dá mais pro mercado literário ignorar a poesia independente” | Luiza Romão no Bdf”: <https://www.youtube.com/live/6BoVNJOFMW8>.



[...] das mulheres escravizadas e estupradas desde os remotos tempos da guerra antiga às mulheres assediadas no trabalho e violentadas pelos seus companheiros nos dias de hoje. Entretanto, o incêndio de Troia ou a subjugação pela força das troianas não encerram o processo colonial. Os efeitos do imperialismo grego e da colonialidade se fazem sentir nas instituições ocidentais que nascem desse acontecimento, a exemplo, da literatura e do direito (Pereira e Albuquerque, 2023, p. 109).

O poema Andrômaca e a personagem histórica revisitada por ele merecem uma ampla análise que não cabe neste espaço, porém já esboça a pretensão de um trabalho futuro dedicado particularmente a esta mulher e sua coragem.

Portanto, vemos como *Também guardamos pedras aqui* revisita a memória coletiva ocidental, delineando as relações do berço da cultura ocidental com o Brasil e a América Latina, para reescrever a história em um exercício feminista e decolonial, enfatizando a perspectiva feminina e as vozes dissidentes, dando um novo olhar, por um lado, às personagens gregas masculinas bastante reivindicadas pela tradição, por outro, contando a história até então não contada das personagens femininas a partir do ângulo da mulher. Esse trabalho de memória cultural propõe não apenas uma releitura, uma nova recepção da literatura clássica, mas uma reescrita cheia de ressignificações, que sem descaracterizar os elementos constitutivos dessas personagens, vale-se deles mais em uma outra lente para configurar novos sentidos no contexto da contemporaneidade por meio de um contra-discurso que tanto alimenta como rompe com a tradição.

Nesse ponto, podemos refletir sobre o quanto um trabalho em sala de aula com a poesia de Romão pode ajudar a entender a história das mulheres em um sentido de dissolução de estereótipos, permitindo uma apreensão da força e resistência das mulheres desde sempre, inclusive em sociedades antigas e com premissas profundamente patriarcais. Andrômaca, Pentisileia, Tétis, e tantas outras personagens, podem ser trabalhadas a partir dos poemas de Luiza Romão, da pesquisa da História e da Literatura em uma vinculação com as continuidades e rupturas do passado no nosso tempo, conectando o conhecimento formal à experiência de vida dos/as estudantes.

Provisórias considerações finais

Entendemos, por fim, na esteira de Jaime Ginzburg (2012), que é urgente a escolha por um currículo de literatura que priorize essas concepções atuais de recordar o passado, que possibilite uma apreensão das violências



e resistências, que dê o devido espaço à autoria de mulheres e a sua forma de compreender o mundo como algo importante e de valor incontestável. No caso de Luiza Romão, além de tudo isso, há ainda o atrelamento entre poesia e sociedade, principalmente quando reconhecemos o papel do *slam*, da voz, do corpo, da poesia para ser lida/ escutada coletivamente na rua, ilustrando um senso de comunidade, convivência, democracia para refletir diversas pautas políticas e, dessa forma, poder repensar a relação entre passado-presente-futuro de forma mais ética e plural:

E, no campo das artes, a poesia, com extraordinária potência política e conscientizadora, promove mesmo que não intencionalmente um forte questionamento do poder estabelecido. Vários saraus e slams de minas que se multiplicam nas comunidades não podem e não devem passar despercebidos pelo feminismo. A literatura como recurso político e transformador é cada vez mais avançada nos ativismos e espaços solidários periféricos (Hollanda, 2020, p. 27).

Essa poesia que nasce do *slam* vem ganhando cada vez mais força e promovendo reflexões elaboradas e urgentes, como aponta Hollanda. Luiza Romão, com *Sangria* e com *Também guardamos pedras aqui*, mostra como a potência de uma poesia pensada também no corpo e na performance pode comportar um diálogo com a tradição, a partir de um estudo minucioso que agencia a ruptura necessária para o futuro que queremos. Cada presente reivindica seu passado em um compromisso com o futuro, e a literatura contemporânea tem feito um importante trabalho de memória (Jelin, 2002) na composição de contrarrecordações:

O motivo de uma contrarrecordação cujos portadores sejam vencidos e oprimidos é a deslegitimação de relações de poder consideradas opressivas. Essa deslegitimação é tão política quanto a recordação oficial, já que nos dois casos se trata de legitimação e poder. A recordação que se seleciona e conserva nesse caso presta-se a dar fundamentação não ao presente, mas ao futuro, ou seja, ao presente que deve suceder à derrubada das relações de poder ora vigentes (ASSMANN, 2011, p. 152).

Esperemos que a poesia, entendida aqui também em uma função intencionalmente epistemológica (Souza, 2020), possa promover novas chaves interpretativas do passado, de nossos desafios no presente e de nossos anseios por criar um futuro mais justo, sobretudo, para as existências historicamente oprimidas e silenciadas como as mulheres.



Referências

ALBUQUERQUE, Thays Keylla de. **Nos fios da memória latino-americana: narrativas da pós-ditadura na Argentina, no Brasil e no Chile**. Recife: UFPE, 2020. Tese (Doutorado em Letras. Teoria da Literatura). Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/39381>. Acesso em: 22 de maio 2021.

ALCALDE, Emerson (org.). **Slam Nacional em Dupla**: Brasil que o povo quer. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2018/10/Slam-web.pdf>. Acesso em: 28 de mai. 2025.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CRUZ, Márcia Maria; ROMÃO, Luiza. Entrevista ‘Também guardamos pedras aqui’ debate questões atuais a partir da ‘Ilíada’. In: **Jornal Estado de Minas**. Dez. 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/12/30/interna_pensar,1438731/tambem-guardamos-pedras-aqui-debate-questoes-atuais-a-partir-da-iliada.shtml. Acesso em: 29 out. 2023.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (FAPESP), 2012.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 2002.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Organização e apresentação de Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MACHADO, Fernanda; ROMÃO, Luiza. Entrevista “Defenda o seu Best”. In: **Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto**. Dez. 2020. Disponível em: <https://www.fundacaodolivro-eleiturarp.com/post/christa-wolf-cria-narrativas-sobre-quem-eram-as-mulheres-de-tr%C3%B3ia-afirma-luiza-rom%C3%A3o>. Acesso em: 19 ago. 2024.

NEVES, C.A.B.; SANTOS, S.R.J.C. Luiza Romão e “sua poema” de resistência decolonial – Slam das minas, presente! In: **Revista Terceira Margem**, v. 27, n. 51, jan./abr. 2023, p. 95-118. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/50547>. Acesso em: 01 jun. 2025.

PEREIRA, Jorge Miguel Arcanju; ALBUQUERQUE, Thays Keylla de. (De)colonialidade em Troia: uma leitura de Luiza Romão. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana-SE, v. 38, n. 1, p. 99-113, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/v38p99>. Acesso em: 11 mar. 2024.

PEREIRA, Jorge Miguel Arcanju; CALDAS, Viviane Moraes de. *Também guardamos pedras aqui* de Luiza Romão: um estudo da recepção dos clássicos em seus poemas não-homéricos. IN: **Revista 15 de outubro**. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/r15o/article/view/3509>. Acesso em: 01 jun. 2025.

ROMÃO, Luiza. **Sangria/ Sangría**. Fotografia Sérgio Silva. Tradução Martina Altaief. São Paulo: Edição do Autor/Selo do Burro, 2017.



ROMÃO, Luiza. **Também guardamos pedras aqui**. São Paulo: Editora Nós, 2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **O fim da inocência**: das medusas de ontem e de hoje. Signo – Especial Segundo Colóquio Leitura e Cognição, 2006. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/443/296>. Acesso em: 20 set. 2024.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria de análise histórica. Educação e Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B1cHNDJbq-FSpSWw2bIFLWEISOG16MmdwU05mNEFNuQ/edit?pli=1>. Acesso em: 19 mar. 2025.

SOUZA, Heleine Fernandes de. **A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento**. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

